

Pesquisa em Pauta

Relatos de uma doutoranda

Por Ana Luiza Valverde da Silva

Ao amanhecer do dia eu já sabia que hoje seria um dia diferente e feliz. Após o café, a primeira ação foi ligar o computador e abrir o arquivo da tese. Havia algumas correções a serem feitas, as quais eu vinha procrastinando. Enquanto efetuava as alterações, liguei para o administrador do departamento da Universidade de Valencia, um sujeito muito agradável, responsável pelo processo de doutorado do departamento de comunicação. Conversamos e ele passou as diretrizes sobre como proceder para o depósito da tese. Confesso que havia mais formulários do que eu pensava, os quais tomaram grande parte do meu dia. Meu professor, que mora em Madrid, está indo para Valencia amanhã e ele não é o tipo de orientador que está disponível facilmente. Assim que, se amanhã será o dia que ele estará na universidade, é o dia de finalizar o processo. Meu pensamento: “agiliza tudo porque é agora ou nunca” – forma literal de dizer. Detalhes à parte, já havia passado das duas da tarde quando, enfim, acabei as correções e corri para a papelaria a fim de imprimir a tese. Cheguei em cima da hora, pois eles já iam fechar para o almoço, mas consegui colocar a impressão em prática. Algumas horas depois, fui buscar o material. Ao folheá-lo, li alguns trechos e a emoção tomou conta de mim. Na minha singela opinião, “o texto é bom” e vê-la, física, gerou uma sensação emocionante.

De repente, uma onda de felicidade tomou conta de mim, algo incrível! Fiquei radiante por ter a tese nas mãos e estar a ponto de depositá-la. Finalizei os trâmites, juntei outros documentos e os enviei à Universidade de Valencia. Não que um grande peso saiu das minhas costas, essa afirmação não é verdadeira, porque, na realidade, a defesa me assusta. Mas o fato de ter visto a tese impressa e tê-la depositado gerou em mim uma grande satisfação. Enfim... alegrias à parte, vou colar o resumo da tese abaixo, espero que vocês apreciem tanto quanto eu.

Em 1964, Glauber Rocha dirigiu o filme Deus e o Diabo na Terra do Sol. Ano em que o Brasil sofreu o golpe militar de estado. Devido a forte censura na época, era proibido o diálogo sobre política ou questões sociais. Glauber Rocha escreveu e dirigiu “Deus e o diabo na terra do sol”, 1964, e o “Dragão da maldade contra o santo guerreiro”, 1969, dois filmes que tratam sobre a dicotomia entre o bem/mal, os cultos/incultos, a ordem/desordem, as diferenças sociais, as construções simbólicas do espaço como semiosfera, as fronteiras e suas rupturas causadoras do caos. Para o diretor, a religião está intimamente relacionada à política. O desejo pelo poder está plasmado nas relações: político-social (interesse dos proprietários sobre os trabalhadores) e religiosos (sacerdotes sobre os discípulos).

A análise discorre sobre as dualidades simbólicas, baseada na discussão semiótica do teórico Yuri Lotman. A intenção foi examinar como Glauber Rocha construiu os espaços simbólicos ao longo das imagens e do discurso fílmico, e

conhecer a mensagem que o cineasta transmite.

Meu nome é Ana Luiza Valverde da Silva, sou doutoranda em comunicação da Universidade de Valencia e bolsista da Capes.

Deseja divulgar sua pesquisa?

[Escreva para apecbcn@gmail.com](mailto:apecbcn@gmail.com)